

O PAPEL SOCIAL DAS BANDAS DE MÚSICA NO CAMPO DAS VERTENTES

ALINE MOREIRA GONÇALVES

MAYARA PACHECO COELHO

(PIBIC/ CNPq)

SÁBATHA RESENDE CHAVES

SERGIO ROSSI RIBEIRO

(PIBIC/FAPEMIG)

RODRIGO MANUEL FRADE (PIBIC-Jr/FAPEMIG)

MARCOS VIEIRA SILVA (Orientador/LAPIP/DPSIC/UFSJ)

linemgoncalves@yahoo.com.br

1-INTRODUÇÃO

Este trabalho é um dos desdobramentos da pesquisa: “A música e suas articulações identitárias nas corporações musicais de São João Del-Rei e região: tradição e transformação no contexto histórico e sócio-cultural”, que vem sendo desenvolvido desde 2004 pelo LAPIP (Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial da UFSJ). As corporações musicais do Campo das Vertentes representam mais de três séculos de atividade musicais ininterruptas que permeiam a tradição sócio-cultural desta região. Sendo uma região reconhecida pela tradição musical desenvolvida desde o início do século XVIII, quando as atividades sociais, políticas, cívicas e religiosas eram acompanhadas por apresentações musicais. Esta região, convive cotidianamente com bandas e orquestras centenárias, formadas por elementos de todos os grupos sócio-culturais. As orquestras se dedicam basicamente à música sacra e erudita. Já as bandas, realizam um trabalho de popularização da música marcado pelo ensino da mesma, através da transmissão de conhecimentos musicais com fins sócios educativos e sócios culturais.

As atividades musicais desenvolvidas no Campo das Vertentes, contribuem com a historicidade musical da região que vai se transformando, adquirindo novas nuances que perpassam a identidade coletiva desses músicos, o que permite apontar o papel significativo exercido pela atividade musical na formação dessa identidade coletiva e no desenvolvimento das mais tradicionais comemorações da região, além de ter um papel social significativo no que diz respeito a formação e construção da identidade dos músicos mais jovens.

Desta forma, ressaltaremos neste trabalho, a importância das bandas de música, presentes neste contexto, a partir da investigação das cidades de São João del Rei, Prados, Resende Costa, Tiradentes, Conceição da Barra de Minas e Coronel Xavier Chaves.

Trataremos também neste trabalho das implicações da tradição e de suas articulações com a identidade e com a afetividade na formulação de projetos de vida para os membros mais jovens destas corporações, especificamente, para os integrantes das bandas musicais, as quais realizam com grande intuito, a transmissão do fazer musical. Partindo-se da indagação de que a participação em um grupo musical, e a formação musical de jovens músicos, possa ser definida como um simples gosto e/ou como possibilidade de profissionalização e definição de preferências.

Considerando que a participação em um grupo é um fator referencial na formação da identidade individual e também coletiva de um sujeito, procuramos entender como se dá essa construção dentro do grupo musical. A identidade, bem como, as representações sociais elaboradas a partir do desenrolar da atividade musical, enquanto construídas por esse processo, parecem atuar como fatores que norteiam o comportamento desses jovens músicos.

2-METODOLOGIA:

Utilizamos os pressupostos da pesquisa participante, mediante estreita vinculação entre pesquisa e intervenção e participação da população investigada. Sendo os grupos pertencentes a uma categoria de objetos de pesquisa que não é possível isolar a fim de ser investigada, a metodologia da pesquisa-participante foi escolhida em função dessa possibilidade de participação dos sujeitos investigados neste processo. Além disso, por levar em conta a interferência que a presença do pesquisador provoca na dinâmica grupal, mostra-se como um método eficaz para a investigação desse tipo de objeto. Esse método baseia-se na inserção do pesquisador no grupo pesquisado de forma que ele se torne familiar ao grupo e sua dinâmica ocorra de forma próxima ao que seria, caso o pesquisador não estivesse presente.

A metodologia da pesquisa participante exige o acompanhamento do cotidiano do grupo. O pesquisador, por sua vez, ao mesmo tempo em que deve se manter próximo ao grupo, deve se distanciar deste para analisá-lo. Essa metodologia considera que toda forma de investigação é uma forma de intervenção e que toda forma de intervenção pode ser também uma forma de investigação. Para a coleta e a análise dos dados, foram realizadas leituras dos documentos históricos disponíveis sobre as corporações musicais; gravações em vídeo e registros em fotografias de algumas apresentações, ensaios e espetáculos realizados pelos grupos investigados; transcrições das gravações e confecção de quadros de análise (mapas de registro de fenômenos grupais) e entrevistas semi-dirigidas com músicos das corporações investigadas.

3-O PROCESSO GRUPAL

Sendo o termo grupo, abarcado por inúmeras definições e concepções entre diversos autores, consideramos aqui, o grupo e o seu caráter histórico, bem como as manifestações de seus membros e suas histórias pessoais em constante interação com o cotidiano que o cerca, é impossível pensar em uma definição pronta e acabada para tal fenômeno. Consideramos o grupo como um constante movimento dialético entre seus atores, considerá-lo enquanto processo vai de encontro aos pressupostos dessa dialética grupal.

Para Pichón-Riviére (1988), um grupo é considerado enquanto tal quando um conjunto de pessoas ligadas em um âmbito espaço-temporal e articuladas em torno de uma mútua representação interna que se organizam a propósito de realizar uma tarefa, ocorrendo nesse fenômeno, uma interação de complexos mecanismos de assunção e adjudicação de papéis.

Martin-Baró (1989) propõe seis critérios para definir a existência de um grupo: que os membros se percebam enquanto tais, que haja a satisfação das necessidades e motivações dos seus membros, que eles tenham objetivos em comum, que a relação

estabelecida seja organizada, que haja interdependência entre eles e que estes interajam entre si. Para Baró, somente quando estes aspectos são realizados, pode-se considerar a existência de um grupo que atua e modifica-se juntamente com suas tarefas.

4-IDENTIDADE

Assim como o termo grupo não pode ser pensado como algo pronto e acabado. A identidade também é vista desta forma. Considerada, portanto, como uma metamorfose, como algo inacabado, um processo em constante formação e modificação. Identidade é metamorfose, processo constante de mudança. A identidade pode tanto ser definida como algo que distingue uma pessoa de outra, como aquilo que une, confunde e assimila. Assim, pode-se falar em identidade individual ou subjetividade, e em identidade grupal ou coletiva (Ciampa, 1994).

Ainda segundo Ciampa, cada indivíduo encarna as relações sociais configurando uma identidade individual, que é uma construção social e política. Assim, identidade é construída em meio às relações sociais que o sujeito estabelece. Ao mesmo tempo, que nos integra a certo grupo, a identidade permite que nos diferenciemos deste pela identidade pessoal ou subjetividade. A identidade grupal, por sua vez, torna os membros do grupo iguais entre si, e o grupo em questão, distinto, diferente de outro grupo. A identidade de cada um vai se construindo no decorrer da construção da história pessoal e da construção da história coletiva, a partir dos papéis que assumimos e em função das atividades que exercemos. A construção da identidade desses músicos assim como em outras etapas de sua vida e profissão vai sendo tecida em meio aos referenciais por eles assumidos.

A identidade grupal é diferente da “soma” das identidades dos membros. É uma produção coletiva, relacionada à trajetória do grupo em torno de suas atividades, objetivos, história coletiva. A identidade grupal vai sendo construída paralelamente ao desenvolvimento de um sentimento de “pertença” ao grupo (Vieira-Silva, 2000).

De acordo com Martín-Baró (1989), para que haja uma identidade grupal não significa que todos os membros tenham o mesmo traço comum. “O que a identidade grupal requer é que exista uma totalidade, uma unidade de conjunto, e que esta totalidade tenha uma peculiaridade que permita diferenciá-la de outras totalidades”. Pode-se dizer que a identidade de um grupo relaciona-se à história do mesmo, seus objetivos, a maneira como se realizam as tarefas e o significado delas para o grupo e para o contexto social mais amplo.

Uma identidade é tecida em meio às tramas sociais as quais um sujeito esta inserido. A construção de uma identidade só é possível se levada em consideração como o sujeito afeta e é afetado pelos outros. Sua constituição está intimamente ligada à dialética das relações sociais estabelecidas pelo sujeito.

5-AFETIVIDADE

Maheirie (2001) define a afetividade “como todas as relações humanas consideradas espontâneas, seja percepção, imaginação ou reflexão, contemplando, assim, os sentimentos e as emoções como formas específicas da consciência se dirigir a um objeto.”

Segundo Pichón-Rivière (1988), o conceito de vínculo indica uma relação bi-corporal e tri-pessoal, estando intimamente relacionado com o de papel, de status e de comunicação. Ele afirma, ainda, que existem vínculos individuais, estabelecidos entre pessoas, e vínculos grupais, estabelecidos entre grupos.

Vieira-Silva (2000), afirma que a afetividade está presente nos grupos permanentemente, manifestando-se no desenvolvimento das atividades grupais e permeando o processo de produção da identidade. Sentimentos e emoções, entendidos como expressões de afetividade constituídas subjetivamente pelos indivíduos, podem conduzir a vida dos grupos. Temor à exclusão e à exploração, demonstração de fragilidade frente aos outros, apatia, orgulho, o culto a um chefe, a uma ideologia, são alguns exemplos.

Pode-se compreender assim, a afetividade como um fenômeno presente em todas as relações pessoais com as atividades desenvolvidas e na estrutura grupal como um todo. Englobando os sentimentos, as emoções e os vínculos. A afetividade aqui é considerada como toda expressão de sentimentos, sejam eles positivos ou negativos. Portanto, os sentimentos que vão sendo construídos cotidianamente, na relação dialética entre pares de um mesmo grupo, são aqui, considerados como afetos. Já os sentimentos que surgem espontaneamente, e estão diretamente relacionados a momentos de euforia, são aqui considerados, como emoções.

6-TRADIÇÃO

Para a compreensão da categoria “tradição”, utilizamos como referencial o conceito elaborado por Hobsbawm, em que ele nos fala de “tradição inventada”, podendo ser entendida como:

“... conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica que visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.” (HOBBSAWM, E. 1984, p. 9)

Referimo-nos, portanto, a um conjunto de práticas, construídas no decorrer do tempo. Hobsbawm (1984) distingue ainda, tradição, costume e rotina. Para ele, diferente de tradição a rotina não possui função simbólica ou ideológica que a sustente. O costume por sua vez, permite sua mudança e inovação, desde que a prática adotada, permaneça compatível com a anterior.

Dessa forma as tradições são permeadas pelos costumes, sua decadência ou transformação está ligada às alterações sofridas durante as modificações ocorridas nos costumes. Assim, a função do costume é dar continuidade histórica à mudança. Considerando o movimento sócio-histórico que permite a manutenção das tradições, entendemos por tradição a união dos conceitos tradição inventada e costume,

desenvolvidos por Hobsbawm (1984). Assim, a tradição se configura por um conjunto de práticas, algumas que se mantêm inalteradas, e outras que permanecem em constante formação, transformação, sustentadas por regras ou valores, implícitos ou explícitos, que têm como objetivo a transmissão dessas regras e desses valores às novas gerações.

7-AS BANDAS DE MÚSICA COMO CONSTRUTORAS DA IDENTIDADE COLETIVA

Através do fazer musical, investigamos as articulações entre o processo grupal dessas bandas e a constituição identitária dos músicos, percebendo e analisando os recursos organizativos utilizados pelos mesmos para dar continuidade à tarefa por eles realizada em uma sociedade onde a atividade musical vem se modificando ao longo de trezentos anos, mas se mantendo como fundamental. O interesse em estudar a atividade musical deve-se pelo papel significativo que a música desempenha na formação da identidade cultural dos cidadãos e na constituição histórica de vários municípios da Região dos Campos das Vertentes, implicada com as mais significativas tradições musicais do barroco mineiro.

A música pode ser pensada como possibilidade de construção e expressão da subjetividade, atuando sobre o homem nas suas dimensões afetiva, psicológica, intelectual e fisiológica. A música é utilizada para fortalecer um apelo, por exemplo, serve de objeto de identificação para os sujeitos que a escutam, como as músicas religiosas, profanas e militares. Portanto, a música não traz uma significação inerente a si mesma, mas suas significações dependem das relações estabelecidas entre os sujeitos e os sentidos, bem como das relações entre os sujeitos e a ordem sócio-cultural mais ampla (MAHEIRIE, 2001).

Assim, a música é capaz de produzir identidades singulares e coletivas, atuando como elemento que pode operar na constituição do sujeito, enquanto mediação social. Sujeito este que produz significações, as quais aliadas às suas ações compõem sua identidade individual e coletiva. Dessa forma, em cada ato, gesto ou significação, o sujeito vai se revelando como um todo. Considerando-se cada uma destas perspectivas, podemos encontrar algo da totalidade do homem objetivando-se em um determinado sujeito. (MAHEIRIE, 2001).

A música é entendida como uma linguagem reflexivo-afetiva por meio de um movimento dialético no qual a reflexão se dá através da afetividade, ao mesmo tempo em que esta é mediada por um determinado tipo de reflexão. Esta compreensão está pautada na abordagem do sujeito como histórico-social, e visto desta forma, o sujeito é constituído e constituinte de seu contexto social.

Contudo, a música é compreendida como uma forma de comunicação, linguagem que permite aos sujeitos a construção de uma diversidade de sentidos singulares e coletivos a partir do significado que carrega e de sua relação com o contexto social no qual está inserida.

As bandas de música investigadas na região, mantêm em sua formação, uma grande quantidade de crianças e adolescente, a faixa etária predominante é dos oito aos dezoito anos. Estas bandas, possuem, em sua maioria, uma escolinha de música atrelada as atividades da banda, onde o intuito de formar novos músicos que posteriormente passarão a ser membros da banda, prevalece.

Para que a tradição se mantenha, é necessária a continuidade dos valores, normas e práticas assumidas pelo grupo. Assim, a participação das crianças e adolescentes nestes grupos, além de possibilitar esta continuidade, possibilita também, um amadurecimento nestas, pois é dentro desses grupos que muitos se encontram e vêm em sua atividade muito mais que uma distração ou uma brincadeira, eles encontram a possibilidade de planejar uma profissão, de se projetarem em um futuro profissionalmente e/ou pessoalmente pautados em valores e normas internas ao seu grupo de pares que muitas vezes são adotadas como suas.

Muitos desses jovens ao participar de um grupo musical, buscam além da realização de uma tarefa, um espaço próprio, um papel que possam assumir socialmente, podendo-se assim dizer, que estes jovens estão construindo e reconstruindo sua identidade não só individual, como também coletiva.

As bandas musicais, além de permitirem uma profissionalização via música, possibilitam aos jovens reconhecerem-se como sujeitos que atuam no mundo, dando-lhes condições de criarem novos projetos de vida. (DAYRELL, 2002).

“Acreditamos que a socialização dos jovens pode ser compreendida como os processos por meio dos quais os sujeitos se apropriam do social, de seus valores, de suas normas e de seus papéis, a partir de determinada posição e da representação das próprias necessidades e interesses...” (DAYRELL, 2002, p. 4)

Nas corporações investigadas, podemos perceber que quando os membros do grupo demonstram a produção de laços afetivos positivos entre si, o grupo consegue mobilizar-se para realizar sua tarefa, indicando que há prontidão afetivo-emocional para isto (Vieira-Silva, 2000).

É interessante pontuar que o discurso de alguns regentes durante os ensaios é marcado pelo incentivo à profissionalização, tomando como exemplos os alunos que passaram pelas bandas, iniciaram seus estudos musicais ali e acreditaram nas suas potencialidades. Este processo acaba dimensionando as possibilidades desses meninos, por serem histórias tão próximas deles, já que dizem de pessoas de suas comunidades.

Músicos jovens que ingressam em bandas civis vislumbram a possibilidade de trabalharem com atividade musical remunerada, caso sejam aprovados em concursos para músicos. Pode-se identificar, também, no discurso dos regentes, um incentivo a esses concursos, pois os músicos são preparados para passarem por essa avaliação. A atividade musical profissional é uma realidade nas bandas, pois muitos conseguem a admissão nesses concursos e passam a encontrar na música um trabalho satisfatório e, assim, um veículo transformador de um quadro social marginalizado onde se inserem muitos jovens músicos.

Dentre as bandas investigadas, há uma onde a formação do regente passa pela via da graduação e especialização em música. A formação acadêmica do regente é vislumbrada como possibilidade futura para os iniciantes na atividade musical,

tornando, então, concreta, uma possibilidade de projeto de vida para os que anseiam buscar uma formação musical acadêmica.

Em outra banda de música, segundo o seu regente, a peculiaridade banda-escola, surgiu por perceber que o bairro onde morava encontra-se afastado do centro cultural da cidade de São João del-Rei, e que muitas crianças e adolescentes não podiam participar do próprio conservatório de música da cidade por que os pais não podiam acompanhá-los até o local, ou até mesmo, por falta de condições financeiras para o pagamento de passagens de ônibus, entre outras questões . Com o apoio do padre da comunidade e dos moradores, iniciou-se, então, o projeto que hoje conta com músicos do próprio bairro e de outros bairros da cidade, os membros em sua maioria, são da periferia de São João del-Rei.

Os dados até agora pesquisados nos possibilitam dizer que o fazer musical no campo das vertentes é uma tradição cuja manutenção é feita pelas corporações musicais e pela sociedade como um todo, quando reconhecem a importância de tal prática. Tradição esta, que mantém a sua continuidade intimamente ligada à transmissão de conhecimento aos mais jovens das bandas. Pode-se pensar em um movimento de transformação cultural quando a atividade musical adquire nova nuance. Isso porque, não se trabalha apenas com a manutenção de uma tradição secular, mas também com a viabilização de uma atividade sócio-educativa capaz de influenciar positivamente a representação social sobre o fazer musical dos jovens de uma comunidade de periferia.

Esses grupos musicais através da característica banda-escola têm como intuito a transmissão do conhecimento, do fazer musical. Mantendo como preocupação a formação de novos músicos, já que serão eles que darão continuidade à tradição musical. Fato que parece facilitar a formulação de projetos de vida para esses membros mais jovens.

Entretanto, o papel principal dessas bandas não esta atrelado simplesmente a manutenção e transformação desta tradição secular, e sim na construção de possibilidades para estes jovens, quando aderem a um objetivo grupal, que se torna, muitas vezes, seu objetivo interno. A participação em grupos, seja ele musical ou não, é um pivô para a construção da identidade individual, entretanto, o grupo musical, a banda de música especificamente, possibilita inúmeras outras formas de construções identitárias e afetivas.

8-CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O papel social das bandas de música no Campo das Vertentes, é perceptível, quando os valores tradicionais de uma determinada região, deixam de ser simplesmente a continuidade desta, para além deste objetivo anterior, preocupar-se com a manutenção de uma tradição, pautada na construção pessoal e coletiva de seus membros. Faz-se assim, um movimento transformador da realidade de muitos desses jovens de periferia. Através desta transformação da tradição, em um contexto sócio-cultural diferenciado, as bandas de música, possuem como objetivo, a formação não só musical, mas pessoal de seus jovens músicos, possibilitando assim, a construção de projetos de vida através do fazer musical.

Essa formulação de projetos de vida permeada pela atividade musical, pode ser vista de duas formas distintas: alguns desses jovens músicos viabilizam seu projeto utilizando a música como atividade profissional. Seguindo a carreira militar e/ou acadêmica. Outros vêm a prática do fazer musical apenas como atividade amadora. Podendo sim vir a se tornar uma atividade profissional, mas na maioria das vezes, não a principal atividade geradora de recursos para subsistência. A produção cotidiana da identidade coletiva de músico é atravessada pelas diferentes experiências vivenciadas pelos membros das várias corporações, embora mantenha eixos comuns de produção e histórias de vida semelhantes.

9-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a historia da Severina: um ensaio de psicologia social**. 4 ed. Sao Paulo: Brasiliense, 1994.
- DAYRELL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude**. Educação e Pesquisa, Jun. 2002, vol.28, no. 1, p.117-136.
- Hobsbawm, Eric. - **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- GONÇALVES, Aline Moreira. **A música e suas articulações identitárias nas corporações musicais de São João del-Rei e Região: tradição e transformação no contexto histórico e sócio-cultural**. Relatório Parcial de Pesquisa – Programa de Iniciação Científica -, Universidade Federal de São João del-Rei, março de 2009.
- _____. **Afetividade, identidade, tradição e suas articulações na construção de projetos de vida**. Relatório Final de Pesquisa – Programa de Iniciação Científica -, Universidade Federal de São João del-Rei, agosto de 2009.
- LANE, Silvia T. M. O processo grupal. In: LANE, S. T. M.; GODO, W. (orgs.) **Psicologia Social – O homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984
- MAHEIRIE, Kátia. **“Sete mares numa ilha”:** a mediação do trabalho acústico na construção da identidade coletiva. 2001. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- MARTÍN-BARÓ, I. O poder social. In: **Psicologia Social desde Centroamérica II**. Uca editores, 1989.
- _____. El grupo humano. In: **Sistema Grupo e Poder**. Uca Editores, 1989.
- PICHÓN-RIVIERE, E. **Teoria do Vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- VIEIRA-SILVA, Marcos . **Processo grupal, afetividade, identidade e poder em trabalhos comunitários: paradoxos e articulações**. SP:PUC-SP, 2000. 131 p. (Tese de Doutorado).